

The background features a white line-art illustration of a person's face and upper body, rendered in a sketchy, expressive style. A large, solid yellow circle is positioned in the upper right corner, partially overlapping the line art. A purple rectangular box is centered on the page, containing the title and subtitle. Another dark blue rectangular box is located in the lower right, containing the authors' names.

A esperança

de dias melhores: sonhos e desafios
dos alunos do Cemeja

Antonio Tadeu Santos Lobo

Eriane da Silva Lima

Jediã Ferreira Lima

Maria Quitéria Afonso Menezes

A esperança de dias melhores: sonhos e desafios dos alunos do Cemeja

Antonio Tadeu Santos Lobo⁴⁴

Eriane da Silva Lima⁴⁵

Jediã Ferreira Lima⁴⁶

Maria Quitéria Afonso Menezes⁴⁷

RESUMO

O presente trabalho objetiva relatar nossa experiência no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CEMEJA) Samuel Isaac Benchimol onde tivemos a oportunidade de vivenciar momentos ímpares para nossa formação acadêmica através do Projeto Assistência à Docência (PAD) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Das ações desenvolvidas optamos por relatar dois

44 Acadêmico do Curso de Licenciatura em História da UNINORTE Ser Educacional. E-mail: tadeu.lobo1972@gmail.com

45 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: edsl.ped19@uea.edu.br

46 Professora e Pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: jedylima@hotmail.com

47 Professora e Pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: mqmenezes@uea.edu.br

acontecimentos em específico: a entrevista realizada com discentes da 4ª e 5ª fases do segundo segmento onde buscamos conhecer os nossos alunos, o que eles acreditam poder ser mudado através dos estudos, seus sentimentos ao retornar para a escola e quais seus sonhos e objetivos futuros. Em segundo, nosso último dia de acompanhamento do ano de 2022, no qual realizamos uma confraternização. Relatamos ainda a importância da formação continuada, como processo para a profissionalização docente dos Assistentes Docentes (AD).

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Trabalho; Formação docente.

ABSTRACT

The present work aims to report our experience at the Municipal Center for Youth and Adult Education (CEMEJA) Samuel Isaac Benchimol where we had the opportunity to experience unique moments for our academic training through the Teaching Assistance Project (PAD) of the Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education (LEPETE) from the State University of Amazonas (UEA). Of the actions developed, we chose to report two events in particular: the interview carried out with students from the 4th and 5th phases of the second segment, where we sought to get to know our students, what they believe can be changed through studies, their feelings when returning to school and What are your dreams and future goals? Second, our last follow-up day of the year 2022, in which we held a get-together. We also report the importance of continuing education, as a process for the teaching professionalization of Teaching Assistants (AD).

Keywords: Youth and Adult Education; Work; Teacher training.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) fez parte de nossas vidas, cada um vivenciou este segmento de formas diferentes, um como aluno, o outro como espectadora de seu pai que se formou pela EJA. Ficamos entusiasmados ao nos depararmos com a oportunidade de vivenciar a EJA como futuros docentes através do PAD; imaginávamos que seria enriquecedor, mas não estávamos preparados para tanto.

Neste relato trataremos das nossas trajetórias acadêmicas, percorrendo de forma singela pelo ensino regular, passando pela entrada na Universidade até a nossa chegada ao LEPETE, onde ambos assumimos diferentes demandas. Traremos também a localização da instituição de ensino em questão, além de seus aspectos estruturais, administrativos e pedagógicos, ressaltando suas subjetividades.

Em seguida, relataremos duas das ações desenvolvidas no CEMEJA, a entrevista realizada com discentes da 4ª e 5ª fases do segundo segmento (6º ao 9º ano do ensino regular) e a confraternização realizada no nosso último dia de acompanhamento do ano de 2022. Assim como, a experiência da formação Comunicação Intercultural ministrada pela professora Marlene e a importância da formação continuada para o desenvolvimento da profissionalização docente dos AD.

TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS EM BUSCA DA IDENTIDADE DOCENTE

Eu, Tadeu Lobo, minha relação com os estudos na infância e adolescência foi conturbada, não via nos estudos um futuro e por escutar sempre próximo a mim que “estudar não leva a nada, precisa é arranjar um emprego”, fui perdendo o interesse pelos estudos, o que resultou em repetição de séries e o abandono escolar. Um ano após o abandono, recebi incentivo para concluir meus estudos através da

EJA. Paralelo a isto, obtive a oportunidade de um emprego na UEA, como Agente de Portaria na Escola Normal Superior.

Concluí o Ensino Médio no Centro Integrado de Educação e Cidadania/Educação de Jovens e Adultos (CEJA) e levei um tempo para decidir o que deveria fazer em minha vida. Minha convivência com o meio acadêmico com toda certeza foi um “divisor de águas” na minha vida; foi através de diálogos e observação deste meio que percebi que para conseguir crescer pessoal e profissionalmente precisaria continuar os meus estudos, então decidi iniciar uma graduação em Licenciatura no Curso de História, na Uninorte – Ser Educacional no ano de 2020.

O LEPETE sempre foi alvo de minha admiração e quando consegui adentrar no meio acadêmico se tornou um desejo e consegui entrar para o LEPETE no ano de 2021, através do PAD. Este é um projeto que faz um estudo teórico, prático de vivência na realidade das escolas municipais da cidade de Manaus, atuando diretamente na formação dada aos professores das escolas, onde os AD substituem os professores enquanto recebem a formação na própria escola, assim não atrapalhando o que já foi planejado pelo docente responsável pela turma. Quando os professores saem das salas, os AD assumem o papel de dar continuidade às atividades, contribuindo para a ampliação do aprendizado dos estudantes, através da ressignificação das aprendizagens.

Vivencio a oportunidade de me construir como docente e a experiência de estar em sala de aula tem me proporcionado momentos que levarei para minha vida como grande aprendizado da minha formação. Se me perguntarem se eu me via como professor, minha resposta seria “não!”, pois nunca me passou pela cabeça que um dia iria fazer faculdade, ainda mais uma graduação em Licenciatura. Mas, desde que comecei a estudar com a ajuda da minha esposa, pude compreender o quão é importante estar envolvido com a educação, visto que além do ato de ensinar se aprende algo novo todo dia, através de uma troca mútua e trabalhando o conhecimento com as pessoas, pois, assim, se torna um ato político e pedagógico.

Eu, Eriane Lima, encontro-me em minha segunda tentativa de concluir uma graduação, tendo a primeira sido interrompida por dificuldades após o nascimento de meus dois primeiros rebentos. Ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia através do vestibular da UEA, no ano de 2019. Minha primeira tentativa de graduação foi logo após o término do meu Ensino Médio em 2010, onde cursei Licenciatura em Letras/Língua Espanhola na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) até o quinto período. Ensinar sempre foi algo fascinante a meu ver; desde minha infância tive a oportunidade de observar a docência de perto, pelo fato de minha mãe ser professora e nos anos em que trabalhava alfabetizando as crianças na BR319 do Careiro, município de Manaus, em que me deixava em um colchonete embaixo da mesa na sala de aula e de onde eu podia ver as crianças aprendendo a escrever e cantar repetidas canções.

Ao adentrar na graduação em Pedagogia, poucas eram minhas expectativas, a maior delas era a conclusão de um curso superior, mas o curso me surpreendeu proporcionando enxergar a beleza que é a docência e apresentando através dos estágios supervisionados os inúmeros desafios, me instigando o desejo de semear esperança através do ato de ensinar.

O LEPETE, sempre foi um ambiente acolhedor que me abraçou desde o início de minha formação, através deste laboratório pude participar de algumas oficinas sem nem mesmo fazer parte dos projetos ofertados; eu observava e admirava de longe e ouvia meus colegas relatarem lindas experiências através do PAD, o que me fazia almejar cada vez mais fazer parte deste projeto. Durante quase toda minha graduação fiquei impossibilitada de atuar devido à falta de disponibilidade, já que sou mãe de três crianças, o que toma grande parte de meu tempo. Hoje, atuo no LEPETE como brinquedista no turno matutino, auxiliando no cuidado, zelo e organização do espaço e materiais da brinquedoteca, além de dar apoio às formações dos AD, com intuito de desenvolvermos conceitos primordiais como psicomotricidade, ludicidade e o brincar como possibilidades de aprendizagem significativa.

Eu fui espectadora da EJA quando incentivei meu pai a terminar seus estudos através desta modalidade, o acompanhei nas atividades diárias e é interessante ver agora por outro olhar, pois antes via apenas como filha do aluno, aluno que acordava na madrugada para um árduo dia de trabalho e ao final se dirigia à escola, com a vista cansada já da idade, essa era sua principal lamúria, a dificuldade de realizar a cópia do quadro. Com minha ida ao CEMEJA e as leituras proporcionadas pela disciplina da EJA no curso de Pedagogia, tive a oportunidade de presenciar o outro lado, o lado do docente e seus maiores desafios.

A UNIDADE DE ENSINO, SEUS ASPECTOS E SUAS SUBJETIVIDADES

A unidade de ensino a que nos referimos é o CEMEJA, que está localizado na R. Edmundo Soares - São José Operário, Manaus - AM, 69085-000, Zona Leste da cidade de Manaus. A instituição de ensino que foi inaugurada em 06 de fevereiro de 2003, fica próxima a uma das principais avenidas da cidade, a avenida Grande Circular, conhecida pela sua grande quantidade de prédios comerciais, incluindo o maior shopping da zona, o Shopping Grande Circular; outra característica muito evidente deste local é o trânsito intenso.

A zona leste é conhecida por ser a zona mais populosa da cidade, tendo em média 11 bairros oficiais, divididos entre classe média e baixa. Sendo uma zona marginalizada, há pouca segurança pública e forte comando pelo tráfico de drogas. O CEMEJA é frequentado, majoritariamente, por moradores desta zona, como os mesmos já apontaram em diversas conversas entre AD e discentes e o que acentua parte da dificuldade encontrada por eles em se manter na escola é a falta de segurança.

Figura 1: CEMEJA Samuel Isaac Benchimol



Fonte: Facebook da Escola (2022)

Este CEMEJA conta com uma boa estrutura física, há dez salas de aula climatizadas e espaçosas, uma sala dos professores, uma sala para direção, uma secretaria, uma sala para coordenação pedagógica, uma biblioteca, um refeitório, cozinha e depósito de merenda, um auditório gigantesco, além de banheiros para os alunos e funcionários.

As aulas são realizadas de forma semipresencial, onde a turma, durante a semana se encontra presencialmente duas vezes e nos outros três dias, de forma virtual, visando oportunizar o acesso para aqueles alunos trabalhadores em seu retorno à trajetória escolar. As turmas que tivemos contato, são do turno noturno da 4ª e 5ª fases do segundo segmento que equivale do 6º ao 9º do ensino regular, em que pudemos perceber através do diálogo e na entrevista aplicada, que o perfil destes alunos é o mais variado, pois são alunos de diferentes faixas etárias, diferentes profissões e condições socioeconômicas.

Uma das maiores dificuldades encontradas para o ensino da EJA é a evasão escolar, percebemos isto ao acompanhar estas turmas, onde inicialmente ambas contavam com uma média de 36 alunos e ao fim do ano de 2022 permaneceram apenas cerca de 10 alunos, tendo se evadido um percentual de 72%. Outro ponto que nos chamou atenção, é que desses 36 alunos a maioria era mulher, até mesmo ao chegarmos ao fim do ano letivo mais da metade correspondiam ao sexo feminino.

Sabe-se que muitos são os fatores que causam esta evasão escolar, como questões financeiras, as mulheres que se tornam mães e não

têm com quem deixar seus filhos, os alunos que se vêem obrigados a optar ou pelos estudos ou pelo trabalho que garante seu sustento, entre outras questões. A instituição de ensino se mostra flexível e tenta resolver as dificuldades encontradas; um exemplo disto é a metodologia de ensino semipresencial, mas infelizmente os dados de evasão ainda são alarmantes.

Com base nisso, enalteçemos aqui a luta e resistência destes alunos que, mesmo com tantos empecilhos, permanecem se esforçando para concluir seus estudos com êxito e ressaltamos também, a importância, dedicação e competência dos educadores desta modalidade que é tão necessária.

UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE VIVENCIADA NO COTIDIANO DOS “PASSAGEIROS DA NOITE”

Tínhamos uma grande expectativa, no primeiro dia em que fomos ao CEMEJA, pois seria o primeiro contato com os alunos dessa modalidade, o medo de não saber se nos portaríamos de forma esperada dentro da sala de aula, que era grande. Desde o momento em que entramos na van para o nosso trajeto, sentimos o nervoso tomar conta, mas as conversas descontraídas com os colegas e as orientações passadas pelas Coordenadoras nos tranquilizaram e passaram a confiança necessária para dar seguimento ao trabalho que o PAD faz dentro das escolas.

A experiência vivida em sala de aula no CEMEJA despertou a vontade de conhecer a realidade vivida pelos discentes, descobrir os motivos pelos quais não foi possível concluir os estudos no ensino regular e quais têm sido seus maiores desafios. Vimos essa necessidade não por questão de curiosidade, mas como meio de compreender suas dificuldades e habilidades.

Diante disto, a ação relatada por nós será a do dia que buscamos realizar uma entrevista com questionário para os alunos, que foi gravado em áudio após autorização deles e também do nosso último

dia em sala de aula, onde realizamos uma pequena confraternização e fomos surpreendidos por falas muito potentes que nos emocionaram.

A entrevista realizada teve uma metodologia semiestruturada, onde indagamos os alunos com questões, três no total, previamente formuladas, mas permitimos respostas orais em que discorreriam o quanto quisessem e íamos inserindo as questões tentando criar uma espécie de diálogo para trazer maior conforto aos entrevistados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas em um documento, tivemos 6 alunos que quiseram participar da entrevista, das turmas da 4ª fase (referente ao 6º e 7º ano) e 5ª fase (referente ao 8º e 9º ano). Como forma de manter em sigilo suas identidades, nós os classificamos em ordem alfabética; como tivemos 6, estes serão Alunos do A ao F.

É importante ressaltar, que o estudante da EJA deve ser o protagonista na sala de aula, sujeito pensante, atuante no meio em que está inserido. Mas, para tanto, se torna necessário que haja um ensino significativo, desenvolvendo situações de ensino e aprendizagem desafiadoras que permitam experienciar aprimorando o processo de aprendizagem.

Na EJA, vemos esse protagonismo de forma muito maior, justamente por causa das especificidades desta modalidade, por serem alunos, normalmente, maiores de idade que já trazem consigo uma experiência de vida e por virem, na sua grande maioria, cansados do trabalho ou dos afazeres domésticos, necessitando que as atividades a serem desenvolvidas sejam significativas e valorizem o seu conhecimento. O autor Arroyo (2017) nos fala que devemos identificar os perfis desses discentes:

[...] Quem são os adolescentes, jovens, adultos que, como passageiros da noite, chegam do trabalho para a EJA? Quem são as crianças e os adolescentes que chegam às escolas públicas, vindos do trabalho, da sobrevivência da pobreza extrema (quase 20 milhões no programa Bolsa Família)? Aprofundar-nos nessas interrogações sobre quem são os educandos, de onde vêm, para onde volta, de que percursos

humanos-desumanos, sociais, raciais, de gênero e de trabalho... será o caminho mais pedagógico para aprofundarmos sobre quem somos. [...] Quem são os educandos/as com que trabalhamos nas escolas e, especificamente na EJA? Como entender suas vivências tão extremas e como trabalhá-las nos conhecimentos? (p. 12).

Partindo do que nos fala Arroyo, ao adentrar à sala do CEMEJA procuramos realizar esta identificação com nossos alunos que são, em grande parte, trabalhadores terceirizados e donas de casa. Destacamos a seguir, as falas de alguns deles quanto à sua ocupação:

[...] eu trabalhava numa firma. (Aluno A);
[...] trabalho como vendedor de sapato e também vendo algodão doce, me viro como posso (Aluno B);
Autônoma [...] (Aluno C);
Minha profissão é cozinheira, sonho em fazer gastronomia [...] porque eu já trabalho com alimento (Aluno D) (VOZES DOS DISCENTES da 4ª e 5ª fase da EJA, 2022).

Dessa maneira, observamos que diversas são as profissões destes alunos, mostrando que homogeneidade não é algo que se encontra em sala de aula; em todas as modalidades percebe-se que cada aluno tem sua especificidade, mas ao invés de focarmos apenas nas diferenças, por que não pensar no que há em comum? Arroyo (2017) nos fala que é necessário considerar os coletivos, quando não refletimos acerca dos coletivos que cercam os jovens e adultos, que são parte dessa modalidade, estamos desconsiderando uma luta de classe; é necessário refletir quanto às hierarquias de classes, gênero, raça, etnia, homens-mulheres, negros-brancos, pobres-ricos, capital-trabalho. “A EJA foi e é um dos níveis-espacos escolares onde essas hierarquias foram e são mais nítidas” (Arroyo, 2017, p. 25).

Diante desta reflexão e com os resultados da entrevista, percebemos que os alunos que tiveram que optar pelo trabalho ao invés dos estudos, quando ainda estavam no ensino regular, estão mais segregados e estigmatizados tendo que se submeterem às formas de trabalhos e sobrevivência cada vez mais precária, e por este motivo vêm na EJA uma saída, uma esperança de terminarem os estudos e terem uma melhoria de vida. Podemos observar essa situação a partir das falas dos alunos da 4ª e 5ª fases, quando foram questionados sobre suas trajetórias escolares e o porquê de não conseguirem realizar a conclusão dos estudos no ensino regular:

Tipo assim, eu larguei meu estudos pra trabalhar então a gente cuidei primeiro da educação dos meus filho pra agora estar cuidando do meu. [...] Até a própria firma mermo que eu trabalhava ela não queria me liberar, portanto teve que fazer uma escolha estudar ou trabalhar. Aí eu digo então vou estudar porque mesmo trabalhando se um dia eu sair dessa firma se eu não tiver saber eu num entro na outra. E hoje tudo é por saber, certo? Então foi isso que me fez voltar a estudar (Aluno A).

[...] estou procurando mudar essa área e de emprego, né? Aonde eu trabalho e devido eu trabalhar, lá no meu lá no meu trabalho já pediram já pra mim concluir e terminar meu ensino, meu estudo. É por isso que eu estou aqui. Pra procurar terminar e também pra abrir outras outras portas lá na frente né? Caso eu saia de lá já botei em mão um certificado algo que comprove que eu terminei meu estudo né? [...] Hoje em dia e nas empresas grandes no distrito né? Tudo requer o estudo né? Lá na frente tive por várias vezes a oportunidade de estudar, terminar, concluir, mas não conclui porque eu tava trabalhando e aí naquele ou trabalhava ou estudava. No meu caso quando eu era solteiro eu morava só, tinha que pagar aluguel né naquele tempo ou pagava aluguel ou trabalhava ou estudava ou estudava ou trabalhava, um dos dois, então por depender do trabalho, continuei trabalhando e deixei de estudar (Aluno B).

[...] eu desisti da escola aí foi o fato de ter tido filhos nova, né? Aí dificuldade familiar, marido também implicou um pouco pra não deixar eu continuar com os estudos, por causa dos filhos que não tinha quem ficasse com eles e foi assim né? E tinha que trabalhar também pra ajudar pra botar o alimento dentro de casa e tudo isso foi dificultoso pra mim por justamente por isso que eu desisti da escola onde eu era mais jovem quando eu era adolescente. Hum. Aí agora eu estou tendo oportunidade de estar voltando à escola novamente. (Aluno D) (VOZES DOS DISCENTES da 4^a e 5^a fase da EJA, 2022).

Partindo dessas falas dos alunos da EJA, observamos que a volta deles para dentro da sala de aula é um caminho pelo qual podem percorrer para conseguir realizar seus sonhos e desejos e apesar de todos os empecilhos e desafios de se manterem em sala de aula, persistem. Esse retorno para o meio acadêmico é uma vitória comemorada por eles e por quem os incentiva nessa trajetória:

Bem, pra mim voltar pra aula foi um motivo de muita alegria, [...] E tenho fé em Deus terminar mais um estudo e seguir a minha carreira que eu quero, me formar [...] o que eu quero é um dia ter uma faculdade em administração (Aluno A); o meu esposo que me incentivou muito, né pelo fato de eu trabalhar, tipo assim, trabalhei muito no distrito, trabalhei muito no hospital então assim quando eu descobri a minha capacidade do que eu sou capaz de fazer isso me incentivou muito a querer voltar pra escola estudar porque eu acredito assim que sem o estudo você não chega a quase em lugar nenhum e se você fluir os seus estudos voltar a estudar você consegue chegar muito além do que você pode imaginar (Aluno D) (VOZES DOS DISCENTES, 2022).

Um dos entrevistados ao ser questionado como era sua vida escolar e se poderia nos contar um pouco de sua trajetória, nos trouxe uma fala que não esperávamos e nos fez refletir em muitos pontos.

Era tipo assim, não gostava muito não. Não. Tinha dificuldade. Não gostava muito, não era porque eu não entendia o assunto era porque os professores naquela época passavam uma insegurança pra gente, amedrontava. Em vez de passar uma segurança pra gente amedrontava a gente, então isso aí fazia a gente ter medo de ir pra escola. Isso foi por isso para aí que desisti. Um dos motivos né (risos) (Voz do Aluno C, 2022).

Como educadores em formação, a fala do Aluno C nos deixou alertas, a atitude de um professor teria a capacidade de levar à desistência de um aluno, uma metodologia, os castigos antigamente aplicados, seriam mesmo a melhor forma de educação? Será que nos dias atuais ainda há professores que amedrontam? Este mesmo aluno nos relatou que só retornou aos estudos por muito incentivo do irmão, pois se dependesse dele não retornaria.

Com isto percebemos o quanto nós, educadores, temos responsabilidade em nossas mãos, será que seremos incentivadores ou amedrontadores? É necessário perceber que os tempos são outros, novas realidades, novos desafios, então não podemos ser os mesmos professores.

A partir dessas vozes percebemos que por trás de cada aluno que interrompeu os estudos na educação básica há uma narrativa de vida, uma família, uma história que por diversas vezes vêm acompanhadas de dores e opressões. Voltar ao percurso de discente não é fácil, é uma luta e resistência contra o sistema opressor. E como nos diz FREIRE (1987, p. 65) “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida”. e para permanecer na escola em meio a todas as adversidades da vida cotidiana presumivelmente é um ato de resistir.

No nosso último dia de acompanhamento do ano de 2022, realizamos uma confraternização com os alunos da 5ª fase, onde pudemos trocar falas sobre como foi especial para nós AD, acompanharmos as turmas do CEMEJA e que sem dúvida estaremos na torcida por eles, torcendo para que os mesmos nunca desistam de realizar seus sonhos e objetivos.

Dentro dessa troca de conversa, nós os ouvimos e percebemos que nosso trabalho foi significativo. Uma das falas que nos chamou a atenção foi de uma aluna que pediu a palavra e disse: — “A gente não gostava de vocês e fizemos um combinado, de faltar nas aulas todas as vezes que vocês viessem para dar aula no lugar do professor, mas com o tempo, percebemos que vocês eram diferentes, são professores que em vez de só falar, deixam a gente falar, param pra nos escutar”.

Além desta, houve outras falas e todas nos mostravam a importância de valorizar o aluno como sujeito pensante e participante do meio em que vive, é preciso mais do que nunca abandonar o método de “educação bancária”, que considera o professor como detentor de todo conhecimento e que “deposita” em seus alunos o conteúdo a ser aprendido, tendo o aluno, por sua vez que adotar uma postura passiva e pacífica que apenas recebe o conhecimento sem poder questionar, criticar e muito menos relacionar tal conhecimento com sua realidade social, tirando do aluno sua oportunidade de pensar e ser crítico.

Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira, em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), trouxe um significado especial para a relação professor/aluno, onde ambos estão na mesma posição, podendo um aprender com o outro através do diálogo, considerando o conhecimento de mundo que o aluno possui, a colaboração da cultura deste indivíduo atribui as condições necessárias de aprendizagens para a sua formação, não valorizando apenas aquele que tinha o maior valor, o conhecimento científico. É através do seu conhecimento de mundo que poderá partilhar de todas as suas vivências para a sociedade da qual faz parte.

O profissional da educação que nega os desafios enfrentados pelos alunos da EJA e os julga de forma discriminatória está, na verdade, destruindo sonhos. Deixar que os estudantes da EJA tenham voz é entender sua trajetória de vida e é essencial para que estes consigam seus objetivos através da educação.

CAMINHADAS ACADÊMICO/ FORMATIVAS NA DOCÊNCIA

O LEPETE funciona como espaço para experiências pedagógicas envolvendo duas dimensões de formação: a inicial e a continuada de várias Licenciaturas. Através do PAD tivemos a oportunidade de participar da oficina “Comunicação intercultural mediada por cantigas infantis em Língua Espanhola em sala de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, ministrada pela Professora Marlene Gomes no ano de 2022. Esta formação foi engrandecedora, pois trouxe um grande conhecimento para que pudéssemos trabalhar com os alunos imigrantes (especialmente venezuelanos) nas escolas em que realizamos a Assistência à Docência.

Na oficina ministrada pela formadora pudemos perceber que o aluno imigrante passa por muitos sofrimentos, como ao ter que sair do seu país de origem por diversos fatores, chegar em um país completamente desconhecido, adentrar uma sala de aula com outra cultura, acaba sofrendo xenofobia por não haver uma maior compreensão por parte da escola, um olhar mais atento, dificultando sua integração e socialização dentro da sala de aula. Através dessa formação compreendemos que há metodologias a serem trabalhadas com esse aluno para que a socialização aconteça, como usar as cantigas tanto na língua portuguesa quanto na língua espanhola.

Figura 2 e 3: Formação de Comunicação Intercultural mediada por cantigas infantis em Língua Espanhola



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

Nesse sentido, uma característica que nos encanta no PAD são as formações que são desenvolvidas a partir do planejamento da Coordenação, assim como de um diagnóstico das escolas acolhidas, nos trazendo sempre oficinas com experiências que utilizamos no nosso acompanhamento às escolas. Como afirma Ornellas e Sodré (2011), para a formação continuada não basta apenas o grau de escolaridade, é necessário que seja significativo à especificidade de cada profissional e de cada realidade educacional, havendo coerência e reflexões a partir de cada contexto, tendo como base a contribuição dos verdadeiros protagonistas, que são os alunos.

No momento em que finalizamos a oficina de Comunicação Intercultural, recordamos que havia um trabalho a ser realizado na Uninorte para a disciplina Educação Inclusiva: Teoria e Prática, com a temática Educação para Todos. Foi nesse momento que comungamos o que foi trabalhado na formação para a faculdade, pois vimos que se encaixaria perfeitamente para exemplificar a apresentação. Então, realizamos uma linha do tempo apresentando as principais legislações sobre a inclusão na educação, desde a constituição de 1988 até a Lei Brasileira de Inclusão de 2015. Apresentamos alguns dados de uma matéria de um jornal local do ano de 2021, que fala da quantidade de alunos venezuelanos nas escolas de Manaus e afirma ter mais de 8 mil alunos estrangeiros. Diante disso, levantamos as implicações e

dificuldades desta educação inclusiva no ambiente escolar e buscamos ressaltar a necessidade de empatia e a possibilidade de socialização destes alunos venezuelanos através da cantiga “Estrellita donde estás”.

Figura 4: Estrellita donde estás



Fonte: Acervo Pessoal

Com isto, vê-se a importância das formações realizadas a partir do contexto vivido, onde há um desenvolvimento na profissionalização docente dos AD, na prática de examinar o ensino sob a perspectiva dos alunos, que trazem diferentes experiências e referências à sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando para o cenário da EJA, percebemos a diversidade trazida por esta modalidade, os discentes noturnos são maiores de idade, não há uma faixa etária padrão, são de diferentes profissões, normalmente de prestação de serviço. Os docentes, em sua maioria, não recebem formação para trabalhar com este público, tendo muitos que se reinventar no momento que se deparam com a realidade, dependendo de estudos realizados por conta própria ou disponibilizados em formações continuadas, além disto há os livros didáticos voltados para EJA que dificilmente chegam aos CEJAs ou CEMEJA e quando chegam não há proximidade com a realidade vivenciada pelo aluno.

Logo, vemos que muitos são os desafios enfrentados pelos docentes e alunos desta modalidade de ensino, tornando claro que há muito a ser feito. Nós, enquanto graduandos de licenciaturas, temos a crença de que a educação tem o poder de transformar, não importando sua classe social, crença ou etnia.

Sem a educação a sociedade não muda, as mazelas persistem e mais vítimas educacionais irão existir. Por isso, ensinar aos jovens, adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos é crer que tendo acesso ao conhecimento por meio de educadores em processos de formação continuada, sua vida poderá ser transformada na caminhada cotidiana, e com isso, há maiores possibilidades de ressignificar a EJA na escola.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da Noite do Trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANAUS. Relatório final da Coordenação do Projeto Assistência à Docência. LEPETE/ UEA/Manaus. 2022.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Samuel Isaac Benchimol - CEMEJA**, Manaus, 2020.

SODRÉ, Liana; ORNELLAS, Maria de Lourdes. A Escuta da Formação Continuada docente na contemporaneidade. *In*: NASCIMENTO, Aristonildo Chagas Araújo; MOURÃO, Arminda Rachel Botelho (org). **Educação, Culturas e Diversidades**. Manaus: Edua, v. 1, 2011.